



ECOLOGIA DA LÍNGUA COMO TEORIA LINGUÍSTICA¹

Mark Garner (University of Roehampton, Londres)

R e s u m o : A ecologia da língua foi proposta por Einar Haugen em 1972 como o estudo da interação de qualquer língua a seu meio ambiente. A despeito de alguns usos do termo na literatura, os sociolinguistas não terem sido capazes de desenvolver todo o potencial que Haugen vira em uma abordagem ecológica. No entanto, desenvolvimentos recentes no pensamento ecológico aplicado à língua levanta questões sobre diversos pressupostos da linguística convencional. Por exemplo, de uma perspectiva ecológica, a língua não é um sistema governado por regras, mas uma forma de comportamento sistematizado que emerge da socialidade humana: comunicação, cultura e comunidade. Como previsto por Haugen, a ecologia da língua oferece uma abordagem alternativa empolgante à teoria linguística.

P a l a v r a s - c h a v e : ecologia da língua, comportamento sistematizado, holístico, dinâmico, interativo.

A b s t r a c t : Language ecology was proposed by Einar Haugen in 1972 as the study of the interaction of any given language and its environment. Despite some use of the term in the literature, sociolinguists have failed to develop the potential that Haugen saw in an ecological approach. Recent developments in ecological thought, however, when applied to language, raise questions about many basic assumptions of conventional linguistics. For example, from an ecological perspective, language is not a rule-governed system, but a form of patterned behaviour arising from the needs of human sociality: communication, culture, and community. As Haugen foresaw, language ecology offers an exciting alternative approach to linguistic theory.

K e y w o r d s : language ecology, patterned behaviour, holistic, dynamic, and interactive.

1. Introdução

Em um artigo publicado em 1972, o linguista norueguês-americano Einar Haugen propôs uma nova abordagem ao estudo da língua em sociedades multilíngues. Ele chamou essa abordagem 'ecologia da língua' (*language ecology*), definindo-a como "o estudo da interação de uma língua qualquer e seu meio ambiente". Os detalhados estudos linguísticos e filológicos se preocupavam antes de mais ainda com os modos pelos quais diferentes línguas, faladas ou escritas, coexistem e interagem em uma comunidade

¹Traduzido do inglês por Hildo Honório do Couto.

multilíngue. O foco da ecologia da língua, como concebida por ele, era interação comunitária e cultural, sendo que o termo tem sido usado de vez em quando na literatura dedicada ao estudo de sociedades multilíngues (um exemplo indonésio recente é Wijayanto, 2005).

Com poucas exceções, (p. ex., Mackey 1980; Harmann 1988; Nelde 1989; Mühlhäusler 1996 e minha própria tese de doutorado e publicações dela derivadas - ver Garner 1988), os pesquisadores linguistas têm falhado em desenvolver o potencial que Haugen vira em uma abordagem ecológica. Uma dificuldade é que, em seu artigo, Haugen parece um tanto inseguro quanto a estar propondo que ela poderia levar a uma base teórica para um disciplina distinta, por um lado, ou, por outro, que ela seria uma metáfora interessante para alguns aspectos do multilinguismo comunitário. Pesquisadores subsequentes têm falhado em clarificar a questão mediante uma análise cuidadosa do conceito. O resultado disso tudo é que os pesquisadores têm usado o termo de qualquer jeito, de um modo geralmente mal definido, embora a expressão 'ecologia da língua' seja bastante comum na área. Edwards (1995) estava certo quanto mostrou que a ecologia linguística não trouxe nenhuma contribuição significativa ao estudo do multilinguismo vinte anos após ter aparecido em cena. O potencial teórico da ideia não foi explorado integralmente até meu estudo recente (Garner 2004). Conceitos como 'ecologia da língua', 'a ecologia linguística' e, com uma ênfase diferente, 'ecolinguística' (Fill & Mühlhäusler [orgs.] 2001) têm se tornado correntes. A concepção de ecologia dos linguistas, no entanto, não tem sido afetada pelos avanços filosóficos recentes, que têm ficado geralmente tão imprecisos e limitados como eram trinta anos atrás.

Este ensaio tem dois objetivos. Primeiro, eu examino as causas para a incerteza sobre o que significa ecologia da língua e sobre o que ela pode significar para a linguística. Essas causas são encontráveis na ideia de Haugen de que ecologia é uma metáfora, porque se trata de uma metáfora que não funciona. Segundo, eu mostro como a ecologia agora pode ter um papel central no estudo da língua. Isto é possível por causa de diversos desenvolvimentos no pensamento ecológico nas últimas décadas, desde que o artigo de Haugen apareceu. A filosofia ecológica já não vê a ecologia como um mero traço do meio ambiente natural que pode servir como metáfora para outros fenômenos, mas como um modo distinto de pensar, com implicações de longo alcance para muitas disciplinas, inclusive as ciências da linguagem.

2. A proposta de Haugen

Haugen estava insatisfeito com as abordagens contemporâneas à descrição linguística. Os linguistas, disse ele, frequentemente tratavam a comunidade de fala de uma língua como nada mais do que uma parte de um pano de fundo incidental do que eles viam como o real objeto da linguística. Eles ‘se mostravam tão ansiosos pela fonologia, a gramática e o léxico’, que mal se davam conta do fato de que as línguas existem porque são usadas por povos reais em comunidades a fim de comunicarem. Os linguistas se contentavam com deixar esse assunto para os antropólogos, os sociólogos e assemelhados, mas ele argumentava que ‘havia um forte componente linguístico na ecologia da língua’ (Haugen, 1972, p. 325). Em suma, ele não fazia distinção entre linguística teórica e sociolinguística. Haugen estava propondo algo como uma analogia com o mundo natural. A expressão ‘meio ambiente’ da língua nos leva imediatamente a pensar no entorno físico em que a língua é falada. No entanto, ele definiu meio ambiente de modo um tanto diferente e, até certo ponto, surpreendente: o meio ambiente não é o cenário físico, mas o cenário social e cultural em que a língua é usada. Em outras palavras, o meio ambiente são os falantes da língua:

O verdadeiro meio ambiente de uma língua é a sociedade que a usa como um de seus códigos. A língua existe somente na mente de seus usuários, e só funciona relacionando esses usuários uns aos outros e à natureza, isto é, o meio ambiente social e o natural [...]. A ecologia da língua é determinada primordialmente por aqueles que a aprendem, usam e transmitem a outros (Haugen, 1972, p. 325).

Uma língua não deve ser tratada simplesmente como um sistema estrutural (fonologia, morfologia, sintaxe etc.) que de alguma maneira existiria independentemente de seus falantes. Para ele, é impossível entender a língua sem seus falantes. Essa ideia não era originalmente de Haugen, mas havia sido deixada de lado, sobretudo na América, aproximadamente no meio século precedente, uma vez que Saussure (sem data [1916]) esboçou os fundamentos da linguística como uma disciplina ‘científica’ estruturalista. Haugen não alegou que os linguistas deveriam deixar a estrutura de lado – ele próprio era especialista em fonética e fonologia --. Ele estava tentando restaurar um equilíbrio com sua noção de comunidade-como-meio ambiente como um dos elementos centrais na descrição linguística.

Quando me deparei com essas ideias pela primeira vez, estava trabalhando em minha pesquisa de doutorado sobre comunidades imigrantes e suas línguas. O ensaio de Haugen parecia conter uma ideia que eu estava procurando, parecendo ser o arcabouço teórico ideal no qual eu poderia fazer minha pesquisa de campo. Eu fiquei surpreso ao constatar que, embora o ensaio de Haugen tivesse

sido impresso já há alguns anos, parecia que ninguém tinha tentado desenvolver suas ideias esquemáticas em uma teoria sistemática (Garner, 1986; 1988). A despeito disso, considere a perspectiva geral sobre a natureza dinâmica, interativa sobre língua e comunidade bastante valiosa para associar um conjunto de características históricas das comunidades em estudo a um conjunto de traços linguísticos observados na realidade.

Um modelo teórico específico ainda continuava distante. Como mencionado acima, Haugen usou a expressão ‘ecologia da língua’ de modo um tanto ambíguo. Isso não é surpreendente porque quando uma ideia realmente rica aparece, tende a não ser muito clara: ela aponta para muitas direções ao mesmo tempo. Mas, como ele mesmo sugeriu, a ecologia da língua era para se tornar um ‘estudo científico de direito próprio’, a metáfora ecológica precisava ser esclarecida e sistematizada. No entanto, quando eu tentei fazer isso, ficou claro que a metáfora não dava certo. Como eu dissera antes, o problema estava em pensar ecologia como metáfora. Em termos de teoria da metáfora (Kövecses, 2002), os termos do domínio-origem (ecologia biológica) não podem ser projetados nos do domínio-alvo (língua como fenômeno social).

Em que sentido o que Haugen pensava sobre ecologia poderia ser uma metáfora útil no seio da linguística? Ele via a ecologia como consistindo de três elementos: (1) um organismo, (2) seu meio ambiente e (3) o processo que os relaciona (suas interações).

Na biologia é possível descrever a natureza de um organismo, tal como um animal ou uma planta, em termos de sua coformação física e genética. É possível do mesmo modo descrever a natureza do meio ambiente: a topografia, o clima, a flora, a fauna e assim por diante. A história da vida de qualquer organismo específico emerge da interação dos dois. Um gato selvagem é um animal inteiramente diferente de um gato doméstico bem alimentado em aparência física, personalidade (se é que podemos usar esse termo) e comportamento, uma vez que precisa lutar por alimento a cada dia de sua vida. Por exemplo, o gato selvagem mata outros animais, altera a vegetação até certo ponto e assim por diante; a casa em que vive o gato doméstico é afetada por sua presença assim como é afetada por seus proprietários. As diferenças são determinadas pelas interações entre cada gato e seu meio ambiente.

Haugen sugeriu que a língua podia ser pensada como um organismo e sua comunidade como o meio ambiente. A tarefa dos linguistas seria descrever as características das duas entidades e mostrar como a interação entre elas pode dar lugar a coisas diferentes.

Haugen argumentou, com razão, que há uma longa tradição no estudo da língua de tratá-la metaforicamente como se ela fosse um organismo vivo. Termos como ‘nascimento’ e ‘morte’ de línguas, ‘árvores genealógicas’ e outros comprovam isso. É claro que os estudiosos na

ECO-REBEL

verdade não consideravam a língua como um verdadeiro organismo, mas lhes era cômodo compará-la a ele. O problema com a metáfora ecológica, no entanto, está em como encaramos o meio ambiente. Isto, diz Haugen, não é uma metáfora:

o *verdadeiro* meio ambiente da língua é a sociedade que a usa (Haugen, 1972, p. 329: itálico acrescentado).

De acordo com Haugen, este meio ambiente compreende dois componentes: o psicológico e o sociológico, que se sobrepõem em diversos pontos, mas em geral podem ser vistos como segue. O componente psicológico tem a ver com a língua como existente na mente do falante: o seu uso da língua dá sentido ao ego (*self*) e ao mundo; sua interação com outras línguas na mente; as atitudes do falante em relação à língua. O componente sociológico tem a ver com a língua como ela existe no seio da comunidade: como é usada entre as pessoas. Ele inclui onde, quando e porque a língua é usada e não usada, bem como ao modo pelo qual isso se relaciona aos padrões de comportamento social dos falantes. Por outras palavras, há uma relação real (e não metafórica) entre comunidade e língua.

Este é o problema conceptual do âmago da ideia de Haugen. Por um lado, há uma entidade metafórica: ‘língua-como-organismo’, e, por outro, uma entidade literal: o que devemos chamar ‘meio ambiente-*per-se*’.

Como fica o *status* ontológico do terceiro elemento (interação)? Se a interação é um processo literal, como podemos descrever uma interação entre uma entidade metafórica e uma entidade real? O que acontece especificamente na interação língua-comunidade e quais são os mecanismos pelos quais ela se dá? É relativamente fácil mostrar como as características de uma comunidade (sua história, sociologia, demografia, valores culturais, religião e outras) influenciam o uso da língua. Mas, a influência é mútua, em outras palavras, ecológica? Se sim, temos a implicação de que as comunidades são afetadas pelas línguas que falam. Até certo ponto, isso é o que afirma a ‘hipótese Sapir-Whorf’ (Whorf, 1956), mas a hipótese é limitada a questões de psicologia: a percepção de um falante individual é guiada (ou determinada) pela língua que ele ou ela fala. Há pouca ênfase no tipo de comportamento comunitário em que Haugen estava interessado. De qualquer modo, a hipótese Sapir-Whorf vem sendo debatida há meio século, e evidência conclusiva a favor ou contra tem sido difícil de se encontrar.

Isso deixa o objeto de estudo da disciplina proposta indefinido, problema de que Haugen não parece ter tido consciência, como se vê em sua sugestão de que a linguística poderia dar uma grande contribuição à disciplina ‘ecologia humana’:

A ecologia da língua seria uma extensão natural desse tipo de estudo [isto é, a ecologia humana], e tem aparecido sob nomes como psicolinguística, etnolinguística, antropologia linguística, sociolinguística e sociologia da linguagem (Haugen, 1972, p. 327).

A escola de sociologia da ecologia humana, centralizada na Universidade de Chicago, estudava padrões de assentamento humano nas cidades. Os ecólogos humanos viam a cidade como o meio ambiente ‘natural’ em que os humanos urbanos vivem. Isso levou a um conhecimento mais profundo do efeito do ambiente construído sobre o comportamento social humano. Por outras palavras, a ecologia humana é uma aplicação literal da ecologia biológica. Os seres humanos são, de fato, organismos (mesmo que de um tipo especial) e interagem com seu meio ambiente físico do mesmo modo que os demais organismos. É claro que essa interação é mais complexa do que, por exemplo, a de um gato e o mundo selvagem. O meio ambiente para os humanos é complexo, uma vez que compreende tanto o entorno artificial quando o natural. As interações com eles são mediadas por um conjunto de valores culturais e processos psicológicos que não estão presentes no gato. Apesar disso, ecologia humana não é uma metáfora.

A ecologia da língua de Haugen, ao contrário, envolve uma metáfora e uma metáfora incompleta, para ser sincero. Por esse motivo, o restante deste artigo é dedicado à discussão das influências sociais na língua. Nem língua-como-organismo nem interação ecológica serão discutidas doravante. Ele termina com uma taxonomia de alguns aspectos sociais da língua, sem nenhuma tentativa de integrá-los teoricamente.

O fato é que, embora Haugen tenha sugerido que a ecologia da língua poderia ir além do mero status de ‘ciência descritiva’ e tornar-se uma ‘ciência preditiva e até mesmo terapêutica’, na verdade ele não pôde ir além de usá-la para descrever diversos caminhos no contexto das ciências da linguagem. Isso pode ajudar a encorajar uma fertilização cruzada de ideias, mas não provê um arcabouço teórico que os integre. Não podemos condenar Haugen por isso: a ideia de aplicar o pensamento ecológico além da biologia era relativamente desconhecida em seu tempo. Ele estava certo ao reconhecer que há algo ecológico na língua. Agora nós temos a oportunidade de reexaminar sua proposta original à luz de desenvolvimentos posteriores.

3. Uma ecologia não metafórica da língua

ECO-REBEL

O movimento ecológico moderno se baseia na convicção de que só adotando essa postura que a humanidade pode verdadeiramente entender o mundo e se salvar de uma catástrofe iminente. Assim, surgiu um movimento filosófico da ecologia biológica e o pensamento ecológico começou a ser aplicado em muitas áreas muito além de suas origens. A ecologia da língua pode, creio eu, contribuir com a teoria linguística somente se aplicarmos a filosofia ecológica à descrição e explicação da língua. Embora a filosofia ecológica tenha muitas versões, com vários nomes, ela pode ser caracterizada mediante quatro traços. Interessantemente, esses traços podem ser vistos já na primeira formulação da ecologia em 1866 pelo biólogo Haeckel:

a totalidade das relações dos organismos com o mundo externo em geral, com as condições orgânicas de existência; o que temos chamado de economia da natureza, as relações mútuas de todos os organismos que vivem no mesmo lugar, sua adaptação ao meio ambiente ao redor deles, as transformações provocadas pela sua luta pela existência (citado em Hayward, 1995, p. 26).

Assim, o pensamento ecológico tem a ver com fenômenos que são:

- 1) holísticos ('a totalidade das relações ...');
- 2) dinâmicos ('as transformações provocadas pela sua luta pela existência');
- 3) interativos ('as relações mútuas de todos os organismos');
- 4) situados ('relações com o mundo externo'; 'organismos [...] que vivem no mesmo lugar').

Vejamos essas características em termos de suas implicações para um entendimento ecológico da língua.

3.1 Holístico

O filósofo Hayward (1995) contrasta o pensamento ecológico com o assim chamado pensamento 'iluminista', com base na ciência natural empírica que tem predominado no pensamento ocidental desde o século dezenove. Pensamento iluminista é uma abordagem analítica à aprendizagem:

A ciência clássica atual trabalha com uma ontologia materialista atomista. Essa ontologia é também reducionista, assumindo que qualquer corpo complexo é redutível ontologicamente a seus constituintes simples. É também mecanística [...]. Essa metafísica tem enformado a visão da natureza viva como efetivamente uma máquina perfeita (Hayward, 1995: 29).

Como formulada por Saussure (1916), a linguística deveria operar segundo os princípios da ciência clássica de duas maneiras. A primeira tarefa era isolar a língua, como objeto de estudo, de todas as considerações não linguísticas, inclusive a comunidade de falantes. A segunda era identificar as entidades que formam a língua (seus fonemas, morfemas, lexemas e assim por diante) e formular regras que governam suas relações em qualquer língua dada.

O pensamento ecológico volta-se para todos complexos e sistemas. Há diversas opiniões sobre o que são esses todos e esses sistemas, bem como deveriam ser interpretados. Não obstante isso, os pensadores ecológicos estão de acordo quanto ao fato de que somente compreendendo a complexidade, a diversidade e as inter-relações – em vez de entidades isoladas – podemos entender melhor nosso mundo.

Em uma linguística enformada pela visão ecológica, a língua emerge da interação complexa da comunidade, da cultura e da comunicação. A língua existe porque o povo se comunica em situações reais. Todo exemplo de língua é língua em uso, sendo inseparável de seu uso na situação específica. Os elementos linguísticos individuais e as regras que subjazem a sua combinação não tem nenhuma importância em si mesmas, mas apenas como manifestações do processo comunicativo como um todo (Halliday, 1994). Esse tipo de linguística tenta entender a natureza e o funcionamento da língua estudando interações humanas significativas, caracterizadas por diversidade, variação e todos complexos.

3.2 Dinâmico

O pensamento científico clássico levou a considerar a natureza como uma máquina, com partes imutáveis e bem definidas funcionando constante e predizivelmente do mesmo modo. De acordo com uma perspectiva ecológica, ao contrário, as partes são fluidas, com características e identidades mutáveis, ‘sistematicamente integradas [uma à outra] e definindo-se mutuamente’ (Hayward, 1995, p. 29). Por outras palavras, é o dinamismo do sistema que determina a natureza de qualquer parte no momento em que é observado. Uma justificativa importante para esta concepção é dada pelos achados da física, durante muito tempo paradigma do pensamento científico, que está crescentemente preocupada com a variabilidade nas entidades e a imprevisibilidade de grande parte do universo (veja, por exemplo, Dupré, 1995; Ladyman 2002, especialmente a parte II). De acordo com essa perspectiva,

cada situação particular é única e difere, mesmo que levemente, de qualquer outra situação que envolva as ‘mesmas’ partes.

Aplicado à língua, o princípio do dinamismo significa que tratamos cada enunciado como de alguma maneira único. A concepção tradicional e do senso comum sobre a comunicação linguística é a de que um falante deseja expressar um significado particular e, conseqüentemente, faz escolha entre as palavras da língua, aplica as regras de combiná-las e então forma o enunciado para expressar o significado. Isso é um procedimento bastante equivocado. Em cada interação, a natureza do enunciado

é determinada por mil e um fatores: o cenário físico como percebido pelos participantes; os participantes e a percepção que têm um do outro; os meios não linguísticos disponíveis; a intenção prévia de comunicação, e assim por diante. É determinada também pela seleção das palavras disponíveis no vocabulário. Os falantes ‘usam mal’ palavras e inventam outras, ‘infringem as regras’ da morfologia e da sintaxe, além de integrar elementos linguísticos e não linguísticos em um ato de comunicação descosido.

A língua é altamente repetitiva: as pessoas dizem a mesma coisa uma vez atrás da outra. Frequentemente podemos prever o que uma pessoa vai dizer se conhecermos a situação suficientemente. Essa repetitividade tem sido interpretada como evidência de que a língua está seguindo um conjunto de regras.

No entanto, se considerarmos que as pessoas são motivadas pela facilidade e eficiência no entendimento de uma à outra e não por uma força interior para seguir regras abstratas, a repetida regularização da língua emerge sob uma nova luz.

Regularidade torna a comunicação mais fácil e mais eficiente por meio da redução do esforço exigido do falante ao escolher o que dizer, e pelo ouvinte ao prever o que virá em seguida. Regularidades são comportamento governado por hábito: elas são manifestações da tendência natural em todos os organismos de fazer o que fizeram antes. Diferentemente de comportamento governado por regras, regularidades são inerentemente mutáveis – na verdade, duas regularidades nunca são exatamente iguais. Cada situação é inerentemente dinâmica. Há sempre uma imprevisibilidade potencial em cada uma. Eu refiro a essa imprevisibilidade dinâmica como ‘criatividade’, que é muito diferente do uso que Chomsky (1968, 1976) faz do termo. Previsibilidade e criatividade na regularização são princípios fundamentais da língua.

3.3 Interativo

Um sistema dinâmico é evidentemente caracterizado por interações. Uma das implicações da proposta de Haugen é a de que o foco da linguística, como acontece na biologia ecologia, deveria ser na própria interação. Um biólogo que quiser entender como e porque um organismo é afetado por suas interações com o meio ambiente examina a natureza da própria interação. Por exemplo, ela é duradoura ou efêmera; única ou contínua; voluntária ou inevitável; hostil ou amigável; solitária ou em companhia (e, se for o caso, em companhia com quem)? As respostas a essas perguntas são essenciais para o entendimento do sistema como um todo dinâmico, bem como das características das entidades que contém. A discussão de Haugen sobre ecologia se centra na língua e na comunidade como entidades separadas, cada uma considerada como um objeto de estudo. As ‘dez perguntas’ que ele faz no final de seu artigo dizem respeito a como fatores sociais influenciam as formas e o uso da língua. Uma abordagem mais apropriadamente ecológica consiste em estudar a natureza da interação. A língua é um aspecto fundamental – mas apenas um aspecto – da socialidade humana. Desde o começo da língua na pré-história humana, sua natureza tem sido determinada pela interação. Qualquer outra função – como monólogo privado, pensamento verbal, ou (na escrita) diários pessoais – é derivado dela. Às vezes os linguistas dão a impressão (e alguns o dizem explicitamente) que a interação é irrelevante ou, no máximo, incidental no entendimento da língua em si. Há entre os linguistas contemporâneos muito mais interesse no uso linguístico, como, por exemplo, na análise do discurso e na pragmática. No entanto, durante séculos o estudo da língua tem se concentrado tanto em elementos linguísticos como palavras e regras da sintaxe e da morfologia que as duas têm sido tratadas como se tivessem significado em si mesmas, de modo que usar a língua seria simplesmente uma questão de seguir as regras. A consequência é que a língua existe para a finalidade de se criarem sentenças bem formadas, o que implica que cada sentença bem formada automaticamente tem significado. Essa concepção ainda persiste em algumas teorias linguísticas.

De uma perspectiva ecológica, a língua existe porque as pessoas precisam interagir. Ela é de longe o lado mais importante e vital de nossa interação, a tal ponto que em qualquer outra situação a interação seria impossível (ou pelo menos muito restrita) sem a língua. Mas, interações pessoais compreendem muito mais do que o componente linguístico. Por isso, a forma que qualquer língua adquire depende da interação específica de que faz parte, interação que provê o meio ambiente para a língua ser usada. Portanto, é necessário

considerar também, no meio ambiente, as interferências e determinações mútuas entre os traços linguísticos e não linguísticos. A língua interage com todos os aspectos não verbais – contato ocular, expressões faciais, postura corporal, gestos e assemelhados – bem como com as percepções dos participantes e o que pensam de si e dos outros, além do cenário físico, social e cultural. Tudo isso, e mais, age em conjunto para formar o todo complexo que é a interação.

3.4 Situado

A importância da situação para o pensamento ecológico emerge de tudo que acaba de ser dito, e o resume. Dizer que um fenômeno é situado é dizer mais do que tudo tem que estar em algum lugar. Implica que não importa o que estejamos interessados em entender – seja um objeto físico como um organismo ou algo intangível como uma ideia ou um sentimento – ocorre em um contexto, e esse contexto é uma parte importante do fenômeno. Deve ter ficado claro pelo que vem sendo dito até aqui que situação é mais do que a localização física. Na verdade, Haugen excluiu o meio ambiente físico de sua discussão, mas ele tem um papel a exercer na ecologia da língua. Sapir (1949)

é uma discussão esclarecedora, mas um tanto estreitamente focada, desse papel. O foco holístico, dinâmico e interativo do pensamento ecológico significa que vemos a situação como uma parte constitutiva da língua. Às vezes útil ‘remover’ a língua da situação temporariamente, conforme o caso, a fim de examiná-la mais pormenorizadamente. Diferentemente da linguística tradicional, no entanto, uma linguística ecológica a ‘trará de volta’ à situação a fim de entendê-la como parte do todo sistêmico da interação. Do contrário, ficaríamos apenas com uma das figura.

Uma analogia grosseira pode deixar as coisas mais claras. Se você desejar descrever uma partida de futebol, não seria suficiente descrever os jogadores, as condições do jogo e a bola, e, talvez resumir as regras do jogo. Todos esses elementos são essenciais para se ter jogo de futebol, mas não constitui a partida. Ela é o processo continuamente mutante pelo qual todos esses elementos (e, é claro, outros) interagem por um período especificado de tempo. Um administrador pode analisar o que um jogador individual fez, por exemplo, contando quantos de seus passes atingiram a finalidade desejada, mas uma avaliação completa de seu desempenho pode ser atingida somente à luz da situação como um todo. O administrador precisa levar em consideração coisas como o que outros jogadores – tanto colegas de time quanto oponentes – estão fazendo durante o tempo em questão, o estado do jogo, as situações de toque de bola e assim por diante. Em seguida, pode-se dar um intenso

exercício de treinamento ao jogador para aprimorar suas habilidades de dar passes, mas enquanto não forem testados com sucesso em outra partida, não se pode dizer que houve melhora.

De modo semelhante, tratar a língua como um sistema abstrato que existe independentemente de seu contexto é uma atitude errada. Isso pode até nos mostrar muito sobre princípios teóricos que podem ser aplicados à língua, mas pouco sobre a língua como a percebemos e usamos:

Separar o falar da particularidade de seu contexto obscurece seu ser (Becker, 1991, p. 232).

4. Conclusão

A ecologia da língua não cumpriu a promessa da proposta original de Haugen. Ela tem se mantido como uma abordagem marginal e mal definido, principalmente no estudo de sociedades multilíngues. Adotando uma filosofia da ecologia da língua, no entanto, põe à nossa disposição possibilidades de fazer avançar o estudo da língua muito maiores do que empregando a ecologia como uma metáfora.

A língua é parte do complexo comportamento humano. Como todos os demais aspectos do comportamento, compreende padrões que são aprendidos mediante interação no contexto da comunidade de usuários. Padronização contínua em muitos níveis dá a nós humanos a capacidade de reconhecer e interpretar os padrões de nosso comportamento e o dos outros. Toda e qualquer ação tem sentido somente no contexto da totalidade do comportamento; a padronização da língua tem sentido somente no contexto da padronização da totalidade do comportamento comunicativo. Todos esses padrões se baseiam em repetição constante, e a predizibilidade é uma de suas características essenciais. O caráter formular ou predizível de todo comportamento comunicativo, inclusive o linguístico, é essencial para a continuidade da comunicação, da cultura e da comunidade. Sem ele o significado seria impossível. Um dos objetivos da ecologia da língua é um entendimento dos processos de padronização em si, bem como do modo de se relacionarem com a situação de uso. Padrões são regularidades gerais, que podem ser variados, mesmo que levemente, em cada repetição. A preocupação tradicional da linguística com gramáticas, ou conjuntos de regras, que se supõe subjazerem a cada instância da língua, é superada em uma abordagem ecológica por um interesse nas maneiras pelas quais a padronização na língua e em todo comportamento serve para torná-lo significativo.

A linguística já se estabeleceu há muito tempo como uma disciplina independente. A tal ponto que outras disciplinas que também se interessam por comportamento humano significativo (como a

ECO-REBEL

sociologia, a psicologia e a antropologia) ocasionalmente descrevem aspectos do comportamento por analogia com as regras formuladas pela linguística (veja, por exemplo, Giddens, 1984).

Uma visão ecológica, como veremos, vai muito além de simplesmente ver paralelos entre diferentes tipos de comportamento. Ela sugere que todos os comportamentos significativos, ‘linguísticos’ ou ‘não linguísticos’, são manifestações do mesmo processo. Podem, portanto, ser utilmente estudados do mesmo modo. Isso não é o mesmo que dizer que todas essas disciplinas são de fato a mesma, mas que cada uma tem muito a contribuir com as outras. Cultura, continuidade e mudança podem ser mais produtivas não como fenômenos linguísticos *stricto sensu*, mas como processos ecológicos no seio do estudo amplo e multidisciplinar da socialidade humana. Essa abordagem às ciências humanas é um conceito profundamente ecológico.

Ao se definir como um empreendimento ‘científico’, a linguística tem adotado uma abordagem atomística, reducionista e mecanística da ciência empírica iluminista. A língua tem sido abstraída de suas situações de uso e de suas comunidades de usuários. Muito progresso tem sido atingido por se entender a língua dessa forma, mas muito tem sido ignorado ou considerado como estando fora do escopo da disciplina. Em um pequeno artigo como este não há espaço suficiente para discutir as implicações de uma visão ecológica para empreendimentos futuros da linguística; um tratamento mais detalhado pode ser encontrado em Garner (2004). A ecologia da língua pode satisfazer o desejo de um tipo de ‘nova’ linguística que o teórico social espanhol Ortega y Gasset formulou há mais de quatro décadas atrás:

Há muitos anos eu venho procurando uma linguística que tenha a coragem de estudar a língua em sua realidade integral, como ela é no discurso real, vivo, não como um mero fragmento amputado de uma configuração completa. [...] Mas, é óbvio que a linguística ainda [...] não compreendeu a língua exceto como uma primeira aproximação porque o que ela chama ‘língua’ não tem nenhuma existência real, é uma imagem utópica e artificial construída pela própria linguística (Ortega y Gasset, 1963, p. 241-2).

Referências

- BARRON, C.; BRUCE, N., ; NUNN, D. *‘Introduction’ a Knowledge and Discourse: Towards an Ecology of Language*. Harlow: Pearson Education, 2000, p. 1-12.
- CRYSTAL, D. *Linguistics*. Harmondworth: Penguin, 1990.
- DUPRÉ, J. *The Disorder of Things: Metaphysical Foundations of the Disunity of Science*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1995.
- GARNER, M. *The Swedish and Russian Speech Communities in Melbourne in the Context of Developing a Theory of the Ecology of Language*. Tese de doutorado, Universidade de Melbourne, 1986.
- _____. *Ethnic languages in two small communities: Swedish and Russian in Melbourne*. *International Journal of the Sociology of Language* 72, 1988, p. 37-50.
- _____. *Language: An Ecological View*. Oxford: Peter Lang, 2004.
- GIDDENS, A. *The Constitution of Society*. Cambridge: Polity Press, 1984.
- HAARMANN, H. *Language in Ethnicity: A View of Basic Ecological Relations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986.

ECO-REBEL

- HALLIDAY, M. *Language as Social Semiotic*. New York: Chapman and Hall, 1994.
- HAUGEN, E. The Ecology of Language. In: DIL, A. S. (ed) *The Ecology of Language: Essays by Einar Haugen*, Stanford: Stanford University Press, 1972.
- HAYWARD, T. *Ecological Thought: An Introduction*. Cambridge: Polity Press, 1995.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.
- LADYMAN, J. *Understanding the Philosophy of Science* London: Routledge, 2002.
- MACKEY, W. The Ecology of Language Shift. In: *The Ecolinguistics Reader*, (edited by FILL, A. ;MÜHLHÄUSLER, P.). London: Continuum, 2001, p. 67-74.
- MÜHLHÄUSLER, P. *Linguistic Ecology. Linguistic Change and Language Imperialism in the Pacific Region*. London: Routledge, 1996.
- NELDE, P. *Ecological aspects of language contact or how to investigate linguistic minorities*. Journal of Multilingual and Multicultural Development 10/1, 1989, p. 73-86.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Man and People*. New York: Norton, 1963.
- SAPIR, E. *Selected Writings of Edward Sapir*. (ed. D. Mandelbaum) Berkeley: University of California Press, 1949.
- SAUSSURE, F. *Course in General Linguistics* (trans. Wade Baskin) London: Peter Owen, 1916.
- WHORF, B. *Language, Thought and Reality: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf* (edited by CARROLL, J.) Cambridge, Mass: Technology Press of MIT, 1956.
- WIJAYANTO, A. *An Ecolinguistic Perspective on the Languages Used by a Javanese in Banjarmasin-South Kalimantan (a case study)*. *Kajian Linguistik dan Sastra* 15/ 29, 2005, p. 80-92. *Kajian Linguistik dan Sastra*, Vol. 17, No. 33, 2005: 91 - 101.
- <http://pt.scribd.com/doc/27175229/Garner-Mark-2005-Language-Ecology-as-Linguistic-Theory> (20/04/2011).

Texto convidado.

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 2, 2015.